



Por um teatro de **cont**ato

Jordana Gadelha

Através desta pesquisa, tenho como objetivo investigar a recorrente utilização do porão como espaço cênico em Belém do Pará. É importante ressaltar que não existe nenhum documento de registro ou investigação acerca dessa utilização em outro lugar ou em outro tempo. Nesta pesquisa, destaco o trabalho da atriz, diretora, professora- pesquisadora Wladilene de Souza Lima, que tem feito um trabalho muito significativo, inclusive transformando a estética do Porão na sua poética de trabalho, de identidade e de relação com a cidade. Wlad Lima tem encenado diversos espetáculos ao longo dos últimos anos, dentro dessa pesquisa de teatro de contato. Nesse processo, abriu alguns teatros de porão na cidade de Belém, sempre com um olhar atento para esses espaços alternativos e antigos, que jorram memória, inclusive alguns muito marginalizados: por exemplo a casa que intitulou de “Porão Puta Merda”, que está localizado no centro histórico, hoje, zona de meretrício da cidade. Esse porão foi reformado e ganhou um novo espaço com muitas possibilidades de preparo da cena, como uma biblioteca, ateliê de costura, ateliê de desenho e construção de objetos, um jardim externo, um jardim interno e um camarim aberto ao público, além do espaço cênico. Mais adiante, detalharei sobre este e outros teatros de porão da cidade, alguns já fecharam as portas, e outros iniciaram há pouco tempo.

Desde a década de 1990, é muito recorrente a utilização desse espaço por outros artistas, nomes muito atuantes na cena teatral até hoje, por exemplo, Nando Lima, Aníbal Pacha, Olinda Charone, Luís Otávio Castelo Branco Barata, Karine Jansen, David Matos e Marton Maués, Marluce Oliveira e Iara Regina.

A seguir, exponho sobre alguns espaços cênicos alternativos de forte atuação em Belém:

O Teatro Porão Puta Merda



Um espaço laboratório não-institucional.

Foi inaugurado no dia 17 de agosto de 2006, com o espetáculo *“Império de São Benedito”*, espetáculo-tese de doutoramento de Karine Jansen, intitulada *“O fogo que se deita no mar”*, sobre a tradição cultural da Marujada.

Teatro Bufo

Esse teatro já não existe mais. Ficava localizado na Avenida Nazaré, a principal avenida da cidade. O teatro Bufo foi inaugurado no dia 10 de agosto de 2001, sendo a sua abertura uma conquista da ação política do grupo de teatro Ação Dramática e foi mantido também por ele. O Teatro Bufo foi apelidado de Teatro de Bolso, devido seu tamanho; sua capacidade máxima era de 40 pessoas. Alguns dos espetáculos ali realizados foram: *“Te Amo Te Amo Te Amo”*, encenado por Olinda Charone e *“Umbigo de Deus”* um espetáculo montado com fragmentos da obra e da vida de Caio Fernando Abreu. Em 2006, após a perda do Teatro Bufo, a cidade de Belém ganha outro espaço: O U. Porão.

Teatro U. Porão



Localizado na Campos Sales, bairro da Campina.

Para a inauguração deste espaço, Nando Lima encenou *“Frozen”* que foi produzida pelo grupo de teatro Usina Contemporânea (Fotos: acervo Wlad Lima).



UNIPOP



Porão cultural Unipop



Esse foi o primeiro teatro porão de Belém e foi palco da construção dos quatro primeiros espetáculos apresentados na cidade: “*Dama da Noite*”, “*Leão Azul*”, “*The Hall*” e “*Hamlet*”, e é identificado como teatro de tipologia múltipla e tem capacidade de público de 80 pessoas. É um espaço cultural, com aulas de teatro, diversos cursos livres e tem uma importância para estudantes de teatro e movimentos políticos de esquerda da cidade. Dos quatro espetáculos, apenas “*Hamlet*” foi realização da própria UNIPOP. Com esse espetáculo, a cidade ganharia o seu mais novo grupo de teatro, o Grupo de Teatro da UNIPOP. Já o espetáculo “*Leão Azul*” foi dirigido por Aníbal Pacha e escrito, interpretado e cenografado por Nando Lima. “*The Hall*”, por sua vez, foi escrito, dirigido e cenografado pelo próprio Nando Lima. Os dois trabalhos foram realizações do Usina Contemporânea de Teatro. O primeiro, *Dama da Noite*, realizado pelo grupo Cuíra do Pará.

Teatro Cláudio Barradas



Teatro Cláudio Barradas (Foto atual)



Foi o segundo espaço de porão que apareceu na cidade. Nesse teatro-porão, em 1997, estreou o espetáculo “*Milkshakespeare*”, encenado por Karine Jansen e David Matos. E depois se torna teatro universitário da UFPa.

Teatro do Desassossego



Uma mulher gorda habita um espaço subterrâneo e marginal, em criação cênica e cínica com as cadeiras-cadeiras-aberturas de seu mundo imundo, enquanto produz vida à revelia dos padrões esperados na sociedade. Um corpo-obra poética, uma máquina-de-fazer-poesia, tufão! Meu Poema Imundo, nova produção cênica das Coletivas Xoxós, convida os espectadores a presenciarem, ao alcance do tato, uma bufa amazônica entre histórias atravessadas por risos ácidos, de uma existência insistente, pesada, descomunal e potente. O espetáculo marca a inauguração do Teatro do Desassossego, espaço alternativo localizado no Centro Histórico de Belém, que abre as portas celebrando a poesia e o riso de ser desproporcional.

FICHA TÉCNICA:
Performance: Andréa Flores
Encenação e Dramaturgia: Wlad Lima.
Iluminação: Iara Souza
Figurino: Grazi Ribeiro
Fotografia e Design Gráfico: Danielle Cascaes
Elementos cenográficos e layout da fachada: Brutus Desenhadores
Assessoria de Imprensa: Lenise Oliveira
Direção Cênica e Sonoplastia: Leoci Medeiros

Espectáculo “*mEU pOEMA iMUNDO*” marcou a inauguração do mais “novo” teatro-porão de Belém, o Teatro do Desassossego, em dezembro de 2019. Foi encenado pela Wlad Lima e faz um relato da sua trajetória pessoal. Direção de Leoci Medeiros, com quem tive o prazer de conversar em entrevista para este artigo. A seguir, transcrevo a referida entrevista.

Eu queria saber contigo como foi o seu primeiro contato com o teatro de porão, como foi essa experiência?

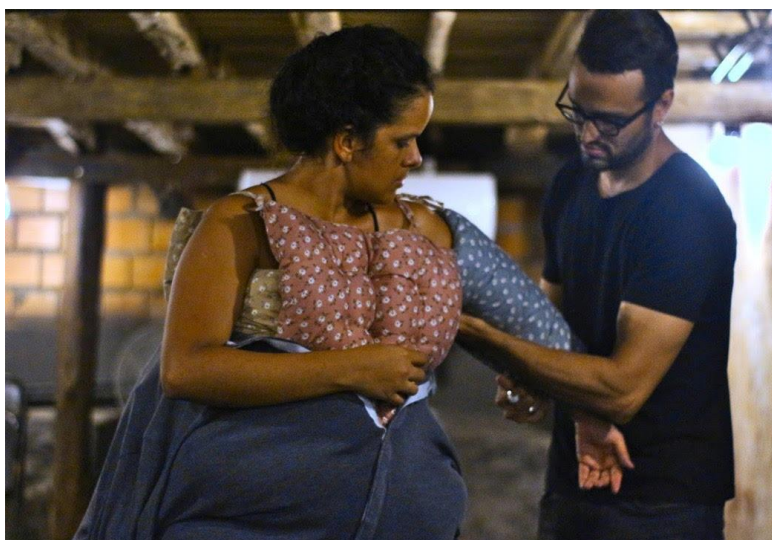
“O teatro de porão aqui em Belém é uma necessidade muito latente para a gente. Ano passado eu completei 10 anos de formação como artista teatral e quase sempre meu fazer teatral foi, e é, ao alcance do tato, que é uma metodologia que a Wlad trabalha muito, que são espaços completamente alternativos de teatro. Então, provavelmente, quase sempre minha formação foi prioritariamente de teatro ao alcance do tato. Logicamente que a gente tem outras vertentes de teatro convencional, tradicional italiano, não necessariamente no porão. A primeira vez em que ouvi falar de porão foi na casa da Wlad (o teatro porão Puta Merda), que fica na cidade velha, e hoje quem mora nessa casa é a Flores” [referindo-se a Andreia Flores, atriz do espetáculo “Meu Poema Imundo”]. Mas não cheguei a frequentar nenhum espetáculo. Eu fui lá conversar com a Wlad, ter reuniões com ela.



Como você descreve a estética do Porão, e essa sensação no teu corpo, por que existe uma diferença latente, por exemplo, teatro na rua, convencional, italiano?

“Olha, é uma coisa bastante peculiar, no momento em que entro... nós artistas já estamos acostumados com essas mudanças físicas e acarretam completamente no seu corpo. Então você tem que se adaptar ao espaço, falar mais baixo, você tem que se perceber melhor, o seu corpo precisa se expandir em momentos que ele precisaria se encolher, e vice-versa. Então eu, como sou um pouco alto, não posso andar muito ereto, tenho que andar me encurvando um pouquinho. Então eu já tenho outro corpo, só pelo fato de entrar no teatro.

Tudo que a gente faz lá no porão é pensado antes com muito cuidado. A gente não trabalha só no espaço, o nosso trabalho começa muito antes, então eu costumo falar que a nossa arte é um pouco ingrata também... 24 horas pensando em como eu vou trabalhar com a minha atriz lá. O próprio nome do teatro já sugere esse desconforto, então nada é convencional. Não espere nada muito normal. Os espetáculos são muito especiais, produzidos e criados para cada espaço que existe dentro do porão, isso é muito singular e especial”.



Performance: Andrea Flores

Encenação e Dramaturgia: Wlad Lima

Direção e sonoplastia: Leoci Medeiros

(Na foto, Andrea e Leoci)

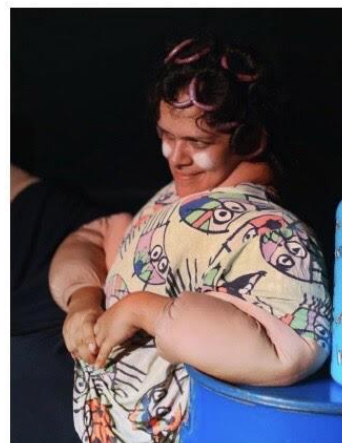
E se vocês viajassem com o espetáculo, como vocês adaptariam a cena?

(risos) “A gente sempre tenta conceber o espetáculo p’ra ter versões fora do porão, mas são coisas muito difíceis, porque, depois que começamos a trabalhar, parece que o espetáculo vai se entranhando pra ficar lá no porão. Então temos versões pra viajar, mas seria muito dispendioso e perigoso, porque talvez a experiência do público não seja tão revigorante quanto se elas estivessem no porão, acho que elas poderiam ter um breve vislumbre do que é o espetáculo, mas a experiência de você ir para o porão, ir pra debaixo da terra, um subterrâneo, um lugar inabitável, isso você tem que presenciar, isso tem que estar no seu corpo, na tua pele, só você estando lá mesmo”.



O Teatro do Desassossego fica no subterrâneo do Teatro Cuíra. O Teatro Cuíra é um dos teatros, se não o teatro, mais importante para a história teatral paraense; tem uma atuação forte desde os anos 80 e foi palco para diversos artistas, e trabalhos artísticos importantes. E está fechado desde 2018, como é essa relação?

“O Teatro do Cuíra na minha visão, às vezes vai se misturando com a história de todo artista de Belém. O Cuíra hoje é uma casa... eles migraram de um teatro convencional, palco italiano e plateia, foyer e bilheteria. Ele mudou desse espaço para uma casa no centro histórico de Belém, que é a Cidade Velha, e embaixo dessa casa existe um porão que é onde fica o Teatro do Desassossego. Se tornou a Casa Cuíra, e onde existia o Teatro Cuíra, hoje é um estacionamento. É o que acontece em um país onde a arte e a cultura são desprezadas. Parece que a gente vive uma ode à mediocridade; tudo é medíocre no nosso país, é muito triste quando a gente passa na frente, porque é um pouco da minha história que está lá, a história do Teatro Cuíra e a história do teatro paraense. Mas como nós sempre seguimos resistindo, o Cuíra também não podia ser diferente.



Wlad Lima

Herança histórica do Porão

Gostaria de falar sobre a questão arquitetônica e histórica do porão em Belém, uma herança de um tempo em que Belém mantinha fortes relações com Portugal. Por exemplo, uma viagem de barco de Belém para Portugal era muito mais segura e acessível do que de Belém para o Rio de Janeiro. Essa era a realidade vivida naquele período. E o projeto arquitetônico de Belém era totalmente europeu, com ênfase na arquitetura francesa. Devido a isso, muitos palacetes, bibliotecas, *boulevards*, canais de escoamento de água foram feitos na cidade com materiais trazidos de outros lugares, como da Europa e da Ásia. Belém foi a primeira cidade do Brasil a receber energia elétrica, e já utilizava bondes elétricos, fazendo com que a capital se modernizasse ainda mais rapidamente. E os porões, que eram feitos atendendo uma exigência de segurança com o solo e devido à influência europeia, se tornaram uma forma de moradia, caso seguissem uma regra imposta pela legislação municipal, que era apresentar altura suficiente. Assim, os porões habitáveis passaram a redefinir as casas, pois nesse pavimento passariam a ser exercidas as atividades domésticas, com as áreas de serviço, os quartos dos empregados, e em alguns casos, a cozinha, permitindo o melhor aproveitamento da área superior da casa pelos moradores. Assim, os novos hábitos burgueses modificaram o espaço interno da casa, e surgiram novos cômodos destinados aos empregados. Isso também se deve ao fato de que a complexidade dos projetos arquitetônicos aumentava a capacidade de abrigar trabalhadores que poderiam satisfazer as tarefas da casa.

A área destinada aos serviços e aos empregados era localizada na parte posterior da casa, o que refletia a organização colonial, como em São Paulo e Belém, onde é permitido colocar no fundo do terreno, em construção separada, as dependências de empregadas, claro resquício da senzala; isto condiciona toda a organização da casa, ficando a cozinha e as dependências de serviço localizadas na parte de trás, e as funções principais voltadas para a rua. A mesma organização de moradia é encontrada nas residências destinadas à classe média e até mesmo nas casas populares, que hoje abrigam a maior parte da população. Aqui, as atividades domésticas foram deslocadas para o porão, onde também estavam localizados os quartos de empregadas.

“O trabalho doméstico, a despeito do valor ínfimo dos salários, significava também a possibilidade de obter alimentação e casa, além de outros benefícios. Quando a casa era farta, os empregados conseguiam condições de alimentação e moradia melhores que as de muitos operários.” (MATOS, 2002, p. 166)

Seguindo o reflexo dos novos hábitos burgueses, podemos perceber como para os patrões, que não tinham maiores cuidados com a saúde do trabalhador, já que os porões são locais escuros e úmidos, isso se converteu também fonte de lucro, pois o porão, em alguns casos, tornou-se uma espécie de quarto de aluguel. Assim, morar no porão significava habitar locais escuros e úmidos, em péssimas condições de moradia, somente para poder estar mais próximo do trabalho e da cidade. E sem privacidade. Nas casas comerciais, os porões eram dormitório para seus empregados. Trabalhadores dormiam amontoados em condições subumanas e insalubres, após uma jornada de trabalho exaustiva e tinham descontado do salário o valor equivalente ao aluguel, devido à moradia fornecida.

Belém tem, até hoje, alguns dos metros quadrados mais caros do Brasil. Nesse sentido, podemos perceber que morar nos porões tornou-se uma nova forma de morar. Nesse caso, como uma opção para se manter no núcleo central de Belém, assim como aconteceu com o surgimento de algumas favelas em outras cidades.

Os porões em Belém foram destinados às camadas pobres e marginalizadas, e como nada é por acaso, em 16 de outubro de 1823, no contexto da Guerra da Independência, em que o Pará foi o último estado a assinar a separação com Portugal (o que se deu um ano depois do Brasil, devido às fortes relações com Portugal que mencionei e a total inexistência de uma identidade nacional), 256 paraenses que lutavam por direitos iguais aos portugueses que viviam em Belém foram trancados em um porão com espaço mínimo, asfixiados, sufocados e fuzilados. E, ainda por cima, foi jogado cal através de um pequeno espaço para entrada de ar. No dia seguinte foram contados 252 corpos; quatro morreram depois de algumas horas e apenas um homem sobreviveu, chamado João da Tapuia. Toda essa crueldade teve como objetivo conter as insurreições sociais da população revoltada com o descaso do Império brasileiro e do Império português. Esse massacre teve uma importância vital no surgimento da Cabanagem em 1823.

Não nos resta dúvida de que o porão sempre foi utilizado pela população, devido à escassez de outros espaços, seja para moradia, seja para a cena teatral, que apesar de seus encantos deflagra questões políticas e sociais, como a falta de moradia, a desigualdade social e a falta de espaços para o desenvolvimento artístico. Wlad, em sua pesquisa sobre a poética construída no subterrâneo dos porões, fala sobre a importância de encontrar linhas de fuga em seu trabalho, tendo traçado paralelos com o estudo do espaço mínimo de

Grotowski e do devir teatral de Deleuze e Guattari, principalmente para romper uma concepção de que sua arte foi desenvolvida nos porões meramente devido à falta de recursos financeiros.

Dentro dessa falta vislumbramos uma riqueza artística. Em seu encantamento, tanto o porão como outros espaços alternativos são uma cura, pois é no trabalho de rememorar e empoderar a população que foi e é trancafiada nos porões, favelas, nas baixadas, e senzalas que se traz luz às escuridões dos apagamentos históricos, como quem retira um lixo de debaixo do tapete, por mais sujo e fétido que possa aparentar. Somente assim novos tempos poderão surgir.



Referências Bibliográficas

O teatro ao alcance do tato, LIMA, Wladilene de Souza, 2008.

As formas de morar na Belém da Belle Époque, Soares, Karol, 2008.

O Município de Belém, relatório de Antonio Lemos.

MATOS, Maria Izilda. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. São Paulo: EDUSC, 2002.